

ABORDAGEM CRÍTICO-SUPERADORA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE SAÚDE E ESPORTE NA ESCOLA

Elizabeth Rose Assumpção Harris¹

Silvio de Cassio Costa Telles²

Marcos Santos Ferreira³

RESUMO

Este trabalho teve como propósito analisar a questão da produção do conhecimento e a abordagem da saúde e do esporte na Educação Física escolar conforme a perspectiva crítico-superadora. Metodologicamente, foram buscados artigos em CD-ROM e em páginas de periódicos *online*. Foram analisados e discutidos 25 artigos, de enfoque teórico e prático, de revistas científicas brasileiras. No decorrer do trabalho, percebeu-se que no início da década de 1990, quando surgiu essa abordagem, os artigos publicados tenderam ao enfoque teórico, ao passo que ao final dessa década e após o ano de 2000 os artigos enfatizaram os aspectos práticos dela. Também foi possível perceber uma fragilidade na abordagem do tema saúde pelos autores que escrevem sobre a perspectiva crítico-superadora, ao passo que o esporte foi muito mencionado como uma forma de se usar a abordagem nas aulas de Educação Física escolar. Consideramos que tanto a saúde quanto o esporte podem ser abordados nessa perspectiva e que, para isso, é preciso criatividade, apoio da administração escolar e um bom planejamento, entre outros fatores. Consideramos também que, embora existam outras abordagens, a crítico-superadora é uma das mais completas, especialmente em se tratando do esporte e da saúde.

Palavras-chave: abordagem crítico-superadora, Educação Física escolar, saúde, esporte.

Recebido para publicação em 01/2014 e aprovado em 10/2014.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Prof. Dr., Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho.

³ Prof. Dr., Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho.

INTRODUÇÃO

A abordagem Crítico-Superadora (CS) surgiu em uma época de crise identitária da Educação Física escolar (EFE), após as radicais mudanças ocorridas na área durante a década de 1980 (DARIDO, 2001). Surgiu em meio a várias outras abordagens e, como bases, tem a pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2000) e a Cultura Corporal (SOARES et al., 1992). É uma proposta interessante que, desde seu surgimento, direciona a produção acadêmica de diversos autores, como se percebe pela ampla produção na área ao longo dos anos. Em 1992, foi publicado o principal livro referente a essa abordagem de ensino, denominado “Metodologia de Ensino da Educação Física”. A obra foi escrita por um coletivo de autores e tornou-se referência no âmbito das abordagens críticas da EFE (SOARES et al., 1992).

Os conhecimentos provenientes da CS influenciaram os conteúdos a serem ministrados dentro da escola, entre eles, a saúde e o esporte. A apropriação desses conhecimentos norteou a produção do conhecimento de vários autores a partir dos anos finais da década de 1980. Ao longo desses mais de 20 anos, os conhecimentos vindos dessas propostas formaram opiniões no meio acadêmico, visando atingir as aulas de EFE.

A produção do conhecimento sobre essa temática dentro do meio acadêmico reverbera esse processo de transição, delineando desde as tentativas teóricas de difusão do conhecimento até as propostas interventivas, visando aproximar a teoria da prática. Assim, diversos assuntos foram alvo dos autores, entre os quais o esporte e a saúde. De acordo com Soares et al. (1992), o esporte encontra-se subordinado ao capitalismo, não podendo ser dissociado dele no processo de ensino. Suas características revelam que seu processo educativo é condutivo à reprodução das desigualdades sociais geradas nesse sistema. Esses autores acham interessante “desmitificá-lo”, oferecendo nas aulas de EFE os conhecimentos que permitam aos alunos ver o esporte criticamente, levando em conta o contexto em que estão inseridos.

No campo da saúde e da aptidão física, ao qual a CS busca fazer frente, sabemos que a EFE foi e ainda é muito influenciada por médicos, sendo, assim, vista como altamente compatível com a concepção de saúde “profilática.” Em relação à saúde, não há qualquer menção a ela

pelos autores, o que leva a acreditar que não é considerada, pelo Coletivo de Autores, uma intervenção crítica na EFE que tenha como foco os conhecimentos relacionados à saúde e à promoção desta (SOARES et al., 1992). A relação entre EF e saúde não mantém interlocuções facilmente perceptíveis, sendo necessário para isso uma intervenção focada nessa dualidade. Assim, a questão que norteia o nosso estudo é: qual a produção do conhecimento sobre a CS e suas reflexões na EFE, especialmente nas áreas da saúde e do esporte?

Objetivamente, buscamos expor, categorizar e discutir as principais características de cada artigo encontrado, evidenciando, através de suas características similares e pontos em comum, a temática abordada. Os objetivos específicos foram: expor as obras que abordam a CS nos principais periódicos da área da EF no Brasil; reunir em uma obra os artigos que discutem a CS; expor, em categorias, artigos sobre estudos de foco teórico e prático; e apontar as principais características, por semelhança de cada categoria.

METODOLOGIA

Foram analisados 25 artigos publicados entre 1994 e 2012, de vários periódicos, que abordam os temas da CS e do esporte e da saúde na EFE relacionados às abordagens críticas. O ano de 1994 foi escolhido como ano inicial, pois foi quando surgiu o primeiro resultado pertinente à pesquisa durante as buscas feitas. Vale ressaltar que isso corresponde, aproximadamente, ao período de divulgação da abordagem crítico-superadora, através da publicação do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”. Para iniciar a pesquisa, foi utilizado o CD do “Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000)”, do grupo PROTEORIA, que contém todos os artigos publicados em 36 periódicos diferentes entre os anos de 1930 e 2000, organizados por autor, periódico e em um catálogo geral.

Na busca, foram usadas as seguintes palavras-chave: crítica, crítico-superadora, cultura corporal e superar, sendo selecionados para análise apenas aqueles artigos que, pelo título, parecessem falar sobre a EFE. Os resultados encontrados foram buscados nas páginas da web das revistas e também em um CD-ROM da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), contendo todos os números publicados

entre 1979 e 2003, facilitando o acesso a volumes que não constavam na página da revista.

Foi realizada uma segunda busca nas referidas páginas das revistas, para encontrar artigos relevantes publicados entre 2000 e 2012. Nessa busca, os sumários de cada número das revistas foram lidos em busca dos termos já mencionados e de títulos relevantes aos temas procurados. Apesar do fácil acesso a outras revistas *online*, a busca foi limitada às revistas nas quais já se havia encontrado resultados no catálogo Proteoria, a fim de limitar o número de artigos analisados. A lógica utilizada foi a de que revistas que apresentaram anteriormente artigos sobre esses temas tenderiam a ter outros artigos sobre eles após o ano 2000. Nesse tipo de busca nas páginas das revistas, era possível ler os resumos dos artigos, para facilitar a eliminação dos não desejados. Um dos critérios para a seleção dos artigos foi a fácil disponibilidade deles, pois nem todas as revistas estavam acessíveis pela internet e, mesmo nas páginas da web que estavam acessíveis, muitos dos artigos não constavam. Algumas das revistas cujos nomes constavam no CD não existem mais, o que eliminou uma parte dos artigos. São elas: Motus Corporis, ARTUS, Corporis e Caderno de Debates. Foram desconsiderados os trabalhos apresentados em congressos e publicados em Anais como resumos e aqueles cujos títulos continham palavras-chave relevantes, mas não condiziam com o tema do trabalho. Ao final da busca, havia um total de 25 artigos para analisar.

Coletados os artigos, estes foram organizados em uma tabela e divididos em três categorias, conforme o tema. Posteriormente, foram subdivididos em teoria e prática. Na subdivisão da teoria, temos os artigos que versam sobre aspectos fundamentalmente teóricos da Educação Física. Na parte prática constam os artigos que se voltam à prática escolar conforme uma visão crítica. Enquanto os artigos que falam sobre saúde e metodologia crítica eram poucos e puderam ser confinados a uma só categoria, os artigos que abordavam esportes eram muitos e, por sua multiplicidade de abordagens, permearam as duas primeiras categorias. A seguir, os artigos analisados (Tabela 1).

Tabela 1 - Artigos analisados

1- Abordagem Crítico-Superadora e suas bases			
Teoria			
Revista	Autores	Título	Ano
Movimento	Helder Guerra de Resende	Reflexões sobre algumas contradições da Educação Física no âmbito da escola pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal	1994
Motrivivência	Micheli Ortega Escobar	Cultura corporal na escola: tarefas da Educação Física	1995
Revista Paulista de Educação Física	Helder Guerra de Resende Antônio Jorge Gonçalves Soares	Conhecimento e especificidade da Educação Física escolar na perspectiva da cultura corporal	1996
RBCE	Ana Carla Dias Carvalho	A organização do trabalho pedagógico e a produção de conhecimento em busca da real articulação teoria-prática	1999
	Evilásio Martins Vieira	Educação Física e a cultura corporal: as orientações didático-metodológicas em questão	2000
Pensar a Prática	Maria Cecília de Paula Silva	Educar para superar: uma reflexão sobre a Educação Física escolar	2004
RBCE	Marcílio Souza Júnior Roberta de Granville Barbosa Ana Rita Lorenzini Gina Guimarães Hilda Sayone Rita Cláudia Ferreira Eliene Lacerda Pereira Daise França Marcelo Tavares Rosângela Cely Lindoso Fábio Cunha de Sousa	Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão	2011
Prática			
RBCE	Orozimbo Cordeiro Júnior Marcelo Guina Ferreira	Uma proposta para o ensino do judô sob a ótica crítico-superadora: dando os primeiros passos no dojô...	1999
	Rodrigo Graboski Fratti	Uma proposta político/pedagógica para Educação Física: dificuldades, limites e possibilidades de uma intervenção crítica	1999
	Gilberto Cabral de	Educação Física: o ensino do futebol na	1999

Tabela 1 - Continuação

2- Abordagem Crítico-Superadora e outras abordagens críticas			
Teoria			
Motrivivência	Admir Soares de Almeida Junior Cláudio Márcio Oliveira	Qual a relação entre as teorias críticas da Educação Física e a prática pedagógica na escola: uma reflexão a partir de seus sujeitos	2007
	Quéfren Cardozo Nogueira	A Reflexão como Experiência Pedagógica: um debate sobre as perspectivas críticas da Educação Física	2008
Prática			
RBCE	Guillermo de Ávila Gonçalves	Aplicações das pedagogias crítico-superadora e crítico-social dos conteúdos em um processo de ensino-aprendizagem de futsal feminino	1999
	Guilherme Carvalho Franco da Silveira Joelcio Fernandes Pinto.	Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica	2001
Pensar a Prática	Glycia Melo Oliveira Karenine de Oliveira Porpino	Ginástica Rítmica e Educação Física escolar: perspectivas críticas em discussão	2010
3- Saúde na Educação Física Escolar abordada de maneira crítica			
Teoria			
Movimento	Marcelo Guina Ferreira	Crítica a uma proposta de Educação Física direcionada à promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora	1997
RBCE	Marcos Santos Ferreira	Aptidão física e saúde na Educação Física escolar: ampliando o enfoque	2001
Pensar a Prática	Fabiano Pries Davide Gabriela de Aragão Souza de Oliveira Marcos Santos Ferreira	Ampliando o campo de intervenção da Educação Física escolar a partir da análise da escada da aptidão para toda a vida	2005
Prática			
Motrivivência	Leonardo Docena Pina	Atividade física e saúde: uma experiência pedagógica orientada pela pedagogia histórico-crítica	2008

Os artigos foram categorizados conforme o tema de maior predominância. Para a categoria 1, foram os artigos que tratam primariamente da CS e de suas bases, que são a cultura corporal e a pedagogia histórico-crítica. Na categoria 2 foram alocados os artigos

que versam sobre a CS em conjunto com outras abordagens críticas. Finalmente, para a categoria 3, foram os artigos que falam sobre a saúde abordada na Educação Física conforme uma perspectiva crítica. Foram então desenvolvidas as análises por categoria, evidenciando e discutindo as peculiaridades de cada artigo e, sempre que possível, relacionando-os entre suas similaridades. Os artigos foram analisados e discutidos. Antes de discutir os dados, é interessante que haja, para contextualizar o trabalho, uma revisão de literatura.

REVISÃO DE LITERATURA

Na década de 1980, com o retorno de muitos profissionais que foram estudar no exterior para escapar da ditadura, vieram também muitas propostas novas para a EFE, entre elas a Desenvolvimentista, Construtivista e também as críticas (Crítico-Superadora e Crítico-Emancipatória) (DARIDO, 2001). A abordagem da Aptidão Física Relacionada à Saúde (AFRS) também surgiu nessa época. As outras abordagens não dizem respeito a este trabalho, porém, antes de se falar da CS, que é o tema principal, é preciso falar mais a fundo sobre a AFRS, visto que, das abordagens surgidas nessa época, é a única que enfoca a saúde como conteúdo das aulas de EFE.

A abordagem da AFRS é, na verdade, a manifestação brasileira de um movimento que surgiu na década de 1980 nos Estados Unidos, visando transformar a EF que havia nas escolas americanas em um veículo de promoção da saúde. Pate et al. (1987) consideram a aula de EFE como o momento perfeito para se intervir, de modo a melhorar a saúde de crianças e adolescentes. Justificam isso afirmando que o comportamento saudável adotado na infância e na adolescência geralmente continua na vida adulta, tornando fundamental uma boa experiência com atividade física na juventude. Consideram ainda que a prática regular de exercícios é, comprovadamente, um meio de prevenir várias doenças crônicas, além de haver melhoras na aptidão física, levando ao melhor desempenho em tarefas cotidianas. Como a EFE emerge sob forte influência médica, os autores a veem como bastante compatível com a filosofia da “saúde preventiva”. Reconhecem que redirecionar a EF para um maior foco na saúde não é fácil, mas que isso pode ser feito mais facilmente do que a criação de programas totalmente novos de promoção da saúde.

Embora se deva trabalhar várias atividades nas aulas, encoraja-se a prática de atividades que possam ser facilmente praticadas fora da escola pelos alunos, como a corrida e outros exercícios que não dependem de muito equipamento ou de muitas pessoas para acontecer $\frac{3}{4}$ são as denominadas “atividades para toda a vida”. Por mais que seja importante o trabalho com esportes coletivos, esse não deveria ser o foco das aulas, visto que sua possibilidade de transferência para a vida adulta é baixa (PATE et al., 1987). De acordo com esses autores, a EF deveria afastar-se de sua tradicional abordagem, que enfatiza a aquisição e o aperfeiçoamento de habilidades motoras/esportivas, bem como buscar a melhora da aptidão física e da saúde em geral dos alunos, com o auxílio dos professores de sala, outros profissionais da saúde e com a aplicação de testes físicos para que se pudesse avaliar o quanto determinado aluno evoluiu.

Quanto à proposta da AFRS no Brasil, ela traz muito do modelo americano. De acordo com Guedes e Guedes (1993), os professores de EFE devem propiciar aos alunos não somente a prática desportiva, mas também devem alcançar metas de promoção da saúde, proporcionando a seus alunos experiências que os tornem mais ativos fisicamente e que, futuramente, os incentivem a manter a atividade física, uma vez que a sua prática na infância e na adolescência pode ajudar a formar hábitos saudáveis para a vida adulta. Segundo Nahas (1989), a atitude de uma pessoa sobre um determinado assunto está relacionada com o conhecimento que possui sobre ele. Assim, a EFE teria o poder de mudar a atitude dos alunos em relação à saúde e à vida ativa pelo fato de promovê-las nas aulas.

De acordo com Corbin et al. (1987 apud GUEDES; GUEDES, 1993), na aptidão física relacionada à saúde estão abrigados alguns aspectos da função fisiológica que podem oferecer proteção contra alguns males que aparecem devido ao estilo de vida sedentário. Se a aptidão física relacionada à saúde for bem trabalhada, há menor risco de desenvolver obesidade, problemas ósseos e musculares, doenças hipocinéticas, doenças cardiovasculares, entre outras. Constitui um meio significativo de se conseguir saúde, disposição e eficiência nas atividades diárias, sendo, portanto, “uma parte essencial da própria vida” (NAHAS, 1989, p. 19).

Os objetivos da abordagem da AFRS podem ser representados graficamente, de certo modo, na escada de aptidão física para toda a

vida de Corbin (1981, apud NAHAS; CORBIN, 1992a), em que cada degrau corresponde a um objetivo que é considerado relevante para um programa de EF. No primeiro degrau, há a mudança de atitudes em relação à atividade física. O aluno deve achar o tipo de exercício que mais combina consigo e deve tornar a prática de exercícios um hábito. Nos três degraus seguintes, há a evolução da aptidão física do aluno e de seus conhecimentos sobre esta. O aluno passa a ser capaz de se autoavaliar quanto à aptidão física. Finalmente, no quinto degrau, o aluno deve conseguir planejar seu próprio programa de exercícios e ser uma espécie de “consumidor bem-informado”.

A proposta da AFRS é, de fato, interessante, mas possui algumas limitações que consideramos graves. Ao abordar a Educação Física pela visão da aptidão física, essa proposta esquece-se, de certa maneira, das outras formas como a disciplina pode ser abordada e remove o movimento de seu contexto histórico-cultural. Acaba então havendo uma culpabilização da vítima, explicada a seguir. Conforme diz Colquhoun (1989 apud FARINATTI; FERREIRA, 2006), a ideologia neoliberal, que predomina na maior parte das sociedades, baseia-se na autonomia, independência e igualdade de oportunidades e prega que as pessoas são completamente responsáveis por aquilo que fazem e pela maneira como vivem, provocando um sentimento de culpabilidade, que pode ser aproveitado para fazer os indivíduos acreditarem que são eles, e não o Estado, os culpados por sua situação e que, portanto, cabe a eles mudá-la, conforme evidenciado nos seguintes trechos: “Portanto, tome a iniciativa! Envolve-se e trabalhe por uma saúde positiva. É o melhor seguro para sua vida.” (p. 18) e “O nível de aptidão física para a vida que um indivíduo pode atingir resulta primariamente de sua determinação, autodisciplina e dedicação às atividades físicas regulares e, secundariamente, de suas características herdadas” (NAHAS, 1989, p. 18). Ou seja, para Nahas (1989), a promessa de longevidade vem acompanhada da culpabilização da vítima. Se a pessoa não consegue ter uma boa saúde, ela sofrerá as consequências disso.

Pelo outro lado, surgida aproximadamente na mesma época da AFRS, temos a proposta Crítico-Superadora, que tem origem completamente diferente, proveniente de ideias marxistas. Na tentativa de romper com a hegemonia dos modelos esportivista e de promoção da saúde/aptidão física, essa abordagem tem como objetivo questionar

o modelo predominante, em que as atividades propostas têm a função de alienar quem as pratica da realidade e de manter vivos os interesses da classe dominante (DARIDO, 2001). Ocorre que as escolas e os meios de comunicação frequentemente funcionam como uma espécie de fábrica, que tem o objetivo de produzir indivíduos adaptados às normas vigentes da sociedade à qual pertencem. Conforme interesses dos dominantes, as pessoas devem, ao sair desses “moldes”, ser dependentes, acríticas e submissas. Para mudar isso e estabelecer uma ligação verdadeira entre essas pessoas e a sociedade, é preciso que elas se identifiquem consigo mesmas, e nisso a EF pode ajudar, ao criar um ambiente favorável para que se tornem, verdadeiramente, indivíduos (OLIVEIRA, 2004).

Conforme diz Bracht (1997), “nós precisamos, através de uma EF crítica, fazer frente aos efeitos muitas vezes imbecilizantes da indústria cultural” (p. 50). É preciso que o educador tome uma posição (que não seja neutra) em relação ao caráter reprodutivista da Educação brasileira, de modo a assumir um compromisso com a transformação estrutural da sociedade, para que seja superada a sociedade de classes, levando a uma sociedade verdadeiramente democrática. A escola é um dos meios pelos quais as crianças são socializadas, o que significa que essa socialização ocorre na aula de EF, assim como em todas as outras disciplinas (BRACHT, 1997). A socialização não é um processo neutro porque ela ocorre dentro de um determinado contexto. De acordo com Demo (1983 apud BRACHT, 1997), “normas e valores podem ser aceitos, mas são sobretudo impostos, pois normas e valores dominantes são sobretudo dos dominantes” (p. 76).

Se forem analisadas aulas de EF que focam a iniciação e o desenvolvimento do esporte escolar, destaca-se na maioria das vezes a aprendizagem das técnicas esportivas visando o rendimento esportivo com o objetivo de obter vitórias em competições escolares. O esporte torna-se, então, o fim das atividades desenvolvidas. Embora seja possível ensinar o esporte e suas técnicas de forma crítica, normalmente as crianças são incentivadas a obedecer às regras incondicionalmente, conformando-se com normas preestabelecidas, pois, caso contrário, podem sofrer alguma penalidade. Além disso, é frequentemente dito que todos têm a oportunidade de vencer, independentemente de sua origem social, desde que se esforcem e tenham talento. Assim, parece que os alunos devem se acomodar, aceitar as regras que lhes são impostas,

não questioná-las e se esforçar ao máximo para caber dentro de um determinado padrão, na esperança de vencer não só no esporte e nas aulas de EF, como também, metaforicamente, na vida (BRACHT, 1997).

Vale então expor um posicionamento do Coletivo de Autores sobre o esporte na EF. De acordo com Soares et al. (1992):

*O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte **da** escola e não como o esporte **na** escola (p. 70).*

É aconselhado que o esporte, que é um tema da cultura corporal e fenômeno social, deva ter questionadas as suas normas e a forma como é adaptado à realidade social e cultural de quem pratica. É preciso abordá-lo, assim como os outros conteúdos da EF, de maneira crítica (SOARES et al., 1992).

Na CS, deve-se lembrar que as atividades físicas são parte do patrimônio cultural da humanidade que foi construído ao longo dos anos (SOARES et al., 1992). Uma das bases da abordagem é a cultura corporal, definida por Escobar (1995, p. 94) como “o amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal”. O próprio conceito da EF, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é

área que trata de um tipo de conhecimento denominado cultura corporal de movimento, que tem como temas o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentarem relações com os principais problemas dessa cultura corporal de movimento e o contexto histórico-social dos alunos (BRASIL, 1998, p. 26).

De acordo com Libâneo (1992), os conteúdos de ensino “são os conteúdos culturais universais que se constituíram em domínios de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade, mas permanentemente reavaliados face às realidades sociais” (p. 39), e não basta que sejam somente ensinados. É necessário que se encontrem plenamente ligados à sua significação humana e social.

As atividades propostas conforme a CS devem ser selecionadas de acordo com sua relevância social, contemporaneidade e o nível sócio-cognitivo das crianças. Como essa proposta visa representar os interesses da classe trabalhadora, os conteúdos devem ser selecionados de acordo com isso. Deve-se evitar o ensino por etapas, porque isso fragmenta a forma como as crianças entendem a matéria da EF e a realidade. Se o entendimento de um determinado conteúdo não depende necessariamente do entendimento de conteúdos anteriores, então não se deve ensinar de forma fragmentada, como se houvesse essa dependência. O conteúdo da EF deve estar articulado com o das outras disciplinas (SOARES et al, 1992). Na verdade, ao se trabalhar os conteúdos da EF conforme a CS, é possível utilizar-se de todas as outras matérias que há na escola e ainda mais. Cada disciplina pode contribuir de algum modo para a construção de conceitos e conhecimentos sobre um determinado conteúdo da EF, e a recíproca é verdadeira.

Vale lembrar que a CS, tal como a abordagem crítico-emancipatória (CE), é baseada na pedagogia histórico-crítica, e cremos que seja interessante falar um pouco sobre essa pedagogia, que tem como um de seus principais autores o professor Dermeval Saviani. Segundo ele, a pedagogia histórico-crítica surgiu ao diferenciar-se das tendências crítico-reprodutivistas, que partem do princípio de que a cultura (e, com ela, a educação) é um fenômeno superestrutural determinado pela base material. Assim, não se poderia mudar a base material através da cultura. Defensores dessas tendências dizem que tudo está errado, mas é inevitável que seja assim. Conforme foram se tornando óbvias as limitações do crítico-reprodutivismo e sua inabilidade para trazer mudanças, surgiu espaço para a pedagogia histórico-crítica, que teve como marco de seu surgimento o ano de 1979 (SAVIANI, 2000).

A pedagogia histórico-crítica visa “compreender a questão educacional por meio do desenvolvimento histórico-objetivo” (SAVIANI, 2000, p. 102). Busca também identificar as formas mais desenvolvidas de expressão do saber objetivo que foi historicamente produzido, entendendo como ocorreu sua produção e quais as suas principais manifestações e tendências atuais de transformação. O saber deve ser convertido para que os alunos possam assimilá-lo no tempo e espaço da escola, com o auxílio do professor, que deve fornecer a eles os meios para que compreendam não só o conteúdo, como seu

processo de produção e suas tendências de transformação.

O compromisso pedagógico deve ser a transformação da sociedade, e não sua manutenção e perpetuação. Pela pedagogia histórico-crítica, pode-se verificar a clareza dos determinantes sociais da educação, o modo como as contradições da sociedade marcam a educação e, então, a melhor forma de se posicionar diante dessas contradições para que se possa decidir em qual direção se deve levar a questão educacional. Se a escola é compreendida a partir do desenvolvimento histórico da sociedade, pode-se chegar, por meio dela, à superação da sociedade atual, visando uma sociedade sem classes, ou seja, socialista (SAVIANI, 2000). Quanto a como isso deve ocorrer, Saviani (2005) elaborou um plano didático de cinco etapas, que posteriormente foi expandido por Gasparin (2011). Essas etapas também podem ser utilizadas na CS. A seguir, um resumo delas.

Primeiramente, temos a *Prática Social Inicial*. Esta etapa consiste em um contato inicial dos alunos com o tema que será trabalhado, verificando seu nível prévio de conhecimento sobre ele e determinando então um ponto para o início dos trabalhos sobre o assunto. Depois disso, há a *Problematização*, que é quando são levantadas questões pertinentes àquilo que será trabalhado, conforme as diferentes dimensões sociais. É uma transição entre a teoria e a prática. Levando em conta o limitado período de tempo que se tem para trabalhar os conteúdos na escola, frequentemente é preciso priorizar quais questões serão consideradas mais a fundo. Segue-se a isso a *Instrumentalização*, em que os alunos, por intermédio do professor, entram em contato com o conhecimento sistematizado (GASPARIN, 2011).

De acordo com Saviani (2005), a instrumentalização é, na verdade, “uma apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem.”(p. 71). Em uma etapa denominada *Catarse*, os alunos sintetizam todo o conhecimento que foi adquirido ou desenvolvido na etapa anterior, demonstrando que não só o conteúdo foi compreendido, como também foi incorporado a seus cotidianos. Os alunos mostram pela *Catarse* qual é sua nova perspectiva da realidade e de que modo aquilo que incorporam pode lhes ajudar a compreender melhor o que ocorre à sua volta e lutar por transformações sociais. Ao final de tudo, temos a *Prática Social Final*,

que é quando os alunos demonstram de que maneira sua vida mudou com a incorporação daqueles conteúdos e que mudanças podem ser operadas com isso (GASPARIN, 2011).

DISCUTINDO OS ARTIGOS

Categoria 1- Abordagem Crítico-Superadora e suas bases

Nesta categoria, são sete artigos teóricos e nove artigos práticos. Pode-se perceber que, dos artigos teóricos, a maioria foi escrita até o ano 2000, havendo apenas dois que fogem a essa regra. No que diz respeito ao planejamento, tanto Escobar (1995) quanto Carvalho (1999) afirmam que o projeto político-pedagógico da escola deve ser estreitamente vinculado à pedagogia histórico-crítica. Quanto ao papel da Educação Física na escola, Escobar (1995) diz que a EF deve “engajar-se na promoção de ações concretas da escola para integrar o movimento político de construção de uma “Cultura para as Massas” (p. 98). Diz também que devem ser privilegiados os conhecimentos que deem prioridade à coletividade em relação à individualidade. Além disso, Resende (1994) acrescenta que:

Os planejamentos de ensino devem ser abertos às experiências culturais das atividades corporais, orientados por um processo de co-decisão e tendo, como critério de mediação, a realidade histórico-cultural, as experiências dos alunos e a competência político-pedagógica do professor (p. 27).

Outra questão que apareceu foi a cultura corporal na escola. Silva (2004) afirma que os conteúdos da EF, que são manifestações da cultura corporal, “não poderiam ser pensados e nem explicitados isoladamente e, sim, vinculados à realidade social” (p. 210). Escobar (1995) afirma que a partir do momento em que, à luz de uma pedagogia crítico-superadora, se buscam as bases da EF na cultura corporal, defende-se “a possibilidade de resgatar práticas que possam, de um lado, contribuir efetivamente para o desenvolvimento da consciência crítica e, do outro, constituir formas efetivas de resistência.” (p. 97). Ainda quanto à cultura corporal, Souza Jr. et al. (2011), por meio de entrevistas com os autores que fizeram parte do Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992), descobriram que o conceito de cultura corporal utilizado no livro “Metodologia de Ensino da Educação Física” foi uma aproximação feita para facilitar o entendimento de professores pouco

versados no assunto e que, na verdade, com exceção de Carmen Lúcia Soares, todos acabaram por traçar um conceito de cultura corporal ligeiramente diferente com o passar do tempo. Resende e Soares (1996) dizem que “a vivência, a reflexão, a resolução de problemas, a construção de alternativas, a modificação das formas convencionais dos esportes, dentre outros aspectos, também devem fazer parte do conjunto de conhecimentos/habilidades da Educação Física na perspectiva da cultura corporal.” (p. 54), basicamente dizendo que os professores não devem restringir-se ao ensino dos esportes oficiais e suas regras e sim estimular a criatividade dos alunos no que diz respeito a modificação das regras, criação de novas brincadeiras e a outras manifestações da cultura corporal.

No tocante à aplicabilidade da CS, Silva (2004) relata que no programa municipal de Educação Física de Juiz de Fora, que é baseado na CS,

propõe-se uma educação física que supere as práticas atreladas unicamente ao paradigma biológico, descontextualizada do social, do político, do econômico e da dimensão de totalidade do ser humano” (p. 206).

O programa é fruto da organização dos professores do município na busca de uma melhor inserção escolar para uma EF que tivesse na cultura corporal uma diretriz político-pedagógica. Isso demonstra que, com a união dos professores e a aceitação por parte da administração, é possível construir uma EFE baseada na CS (SILVA, 2004). Em Pernambuco, no entanto, não foi isso que ocorreu.

Vieira (2000) constatou em sua pesquisa que, dos professores entrevistados, apenas dois expressaram algum conhecimento adequado sobre a CS e os conceitos a ela relacionados, buscando planejar suas aulas conforme essa proposta. O resto dos entrevistados apresentou conhecimento muito difuso quanto à cultura corporal e à CS e disse não se sentir seguro para aplicá-los em aula. Alguns afirmaram ter medo de perder a autoridade diante de outros professores e dos alunos e também um sentimento de angústia. De qualquer modo, seja por medo de romperem com o paradigma biológico-esportivo ou por outros motivos, simplesmente não têm coragem, mesmo passando pelos cursos de formação continuada fornecidos pelo Estado de Pernambuco sobre a CS, ensinando a utilizá-la em suas aulas.

Na análise dos artigos de enfoque prático surgiram outros assuntos, sendo estes relacionados a fatores que influenciaram o planejamento e a aplicação da CS na escola. Em seus artigos, praticamente todos os autores dessa subdivisão procuram deixar claro as bases teóricas que foram utilizadas em seu planejamento e de que maneira isso influenciou aquilo que propuseram e aplicaram.

Uma questão que surgiu com frequência foi a dificuldade gerada pela falta de organização na escola e até mesmo pela administração. Fratti (1999) comenta que não pôde realizar um planejamento em conjunto com os outros professores de EF, uma vez que, em virtude de as turmas serem diferentes, cada professor planejava apenas sua parte. Justamente por causa disso, eram frequentes os momentos em que o autor não conseguia aplicar aquilo que planejara para a aula, pois o espaço pedagógico do qual necessitava encontrava-se ocupado com outras turmas no horário da aula dele. Também não foi possível conhecer previamente os alunos com os quais trabalharia, visto que a semana de planejamento pedagógico ocorreu antes do início das aulas.

Alves (2006) afirma que os outros professores da escola viam a EF apenas como recreação para as crianças, estando à parte das outras disciplinas. Mendonça (1999) mencionou o tempo curto das aulas e a carga horária semanal reduzida da EF como tendo sido entraves para o bom desenvolvimento das discussões promovidas em aula. Cordeiro Jr. e Ferreira (1999) citaram Freitas (1994 apud CORDEIRO JR.; FERREIRA, 1999) ao comentarem que a organização do trabalho em uma escola que tem como base o capitalismo dificulta muito e até impossibilita a aplicação de uma proposta pedagógica crítico-superadora na escola.

Também houve dificuldades criadas pelos alunos, que tinham dificuldades em aceitar essa forma tão diferente de se abordar a EF. No início do projeto de Cordeiro Jr. (2000), aplicado a alunos de uma escola estadual de Goiás, estes apresentaram muitos problemas de disciplina. Além disso, ocorreram desistências do projeto e houve certa dificuldade quanto à relação professor-aluno. Mendonça (1999) relata também dificuldades iniciais. Nesse caso, estavam relacionadas à resistência e às críticas por parte dos alunos que estavam muito acostumados à EF “tradicional”. Os alunos resistiam ao jogo em equipes mistas e também não colaboravam de início para o avanço das discussões que surgiam em aula. Nas aulas de Alves (2006), as

dificuldades surgiam, pois os meninos, de início, recusavam-se a aceitar a dança, por acharem que não é conteúdo apropriado para rapazes.

Quanto à interdisciplinaridade, ponto importante da CS, o Coletivo de Autores diz que:

Cada matéria ou disciplina deve ser considerada na escola como um componente curricular que só tem sentido pedagógico à medida que seu objeto se articula aos diferentes objetos dos outros componentes do currículo (Línguas, Geografia, Matemática, História, Educação Física etc.) (SOARES et al., 1992, p. 29).

Na prática, Cordeiro Jr. e Ferreira (1999) buscaram planejar seu projeto com conteúdos de outras disciplinas, como Geografia e História. No exemplo que forneceram da apostila que elaboraram, é possível perceber a presença de conteúdos relacionados a Geografia, História, outras artes marciais e a relação do judô com diversos fatores, como violência, gênero, saúde, comércio e tecnologias, entre outros citados. Cordeiro Jr. (2000) relata a abordagem desses conteúdos nas aulas que foram desenvolvidas durante o projeto $\frac{3}{4}$ oriundo do planejamento exposto anteriormente.

A questão da avaliação também apareceu com frequência. Pina (2008b) seguiu os cinco passos da pedagogia histórico-crítica (GASPARIN, 2011) e utilizou os momentos da Catarse e da Prática Social Final para avaliar o sucesso de seu projeto quanto à real aprendizagem/apreensão do conhecimento por parte de seus alunos. Fratti (1999) buscou escolher procedimentos que estivessem de acordo com uma abordagem crítica dos conteúdos. No entanto, levando em conta a organização escolar, havia alguma dificuldade quanto a isso. Além das aulas, os alunos participaram de eventos nos quais demonstraram terem apreendido para si o conhecimento relativo aos conteúdos dos temas abordados em sala de aula, como, por exemplo, em um concurso literário e em um projeto de expressão corporal na escola, além de terem escrito para o capitão da seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo, indignados com a denúncia de que um dos principais patrocinadores da seleção na época se utilizava do trabalho infantil. Alves (2006) buscou realizar a avaliação como um diagnóstico do processo ensino-aprendizagem, havendo retorno para as crianças, mas sem punir aqueles que não obtiveram êxito nas tarefas propostas, visto que o erro, afinal, faz parte do aprendizado.

Gonçalves e Lavoura (2011), que trabalharam os conteúdos do

circo na escola, usaram como avaliação a montagem de um painel sobre circo, aparelhos circenses construídos, fotos, vídeos e diário de campo, além de haver uma apresentação do conteúdo na Noite do Pijama, evento tradicional da escola.

Por fim, a maioria dos autores mencionou coisas que precisam acontecer ainda para que se possa ter uma EF crítica. Santos (1999) diz que:

O esporte na Educação Física escolar deve ser apropriado e transformado de forma que possamos contribuir na formação de cidadãos capazes de agir criticamente, compreender e intervir na construção das regras que movem relações entre os homens, capacitando-se, através do desenvolvimento de sua Cultura Corporal, a interagirem com o mundo em busca da organização coletiva para o bem-estar comum e da emancipação própria em relação aos determinantes ideológicos de nossa sociedade (p. 191-192).

Brasileiro (2002) afirma que é necessária uma discussão sobre os saberes escolares, para que possam ser tratados em uma perspectiva crítica. Diz também que

faz-se necessário criar novas possibilidades que facilitem a expressão original de cada aluno e dê a eles o sentido de grupo social, na medida em que os mesmos venham a reconhecerem-se enquanto agentes que vivenciam, refletem e reelaboram sua cultura (p. 16).

Gonçalves e Lavoura (2011) expressam seu desejo de que a escola seja local de transmissão das formas mais desenvolvidas do conhecimento historicamente elaborado pela humanidade e que é preciso lutar contra a desvalorização da escola e do professor, que ocorre atualmente por conta de discursos teóricos e práticas pedagógicas ligadas ao modo capitalista de produção.

Categoria 2 - Abordagem Crítico-Superadora e outras abordagens críticas

Dos cinco artigos desta categoria, apenas dois tratam do tema de maneira teórica. Em ambos, a forma de abordar a temática da categoria é diferente, sendo difícil apontar muitas semelhanças entre eles. Contudo, ambos os artigos levantam questões importantes.

Dos pontos em comum, pode-se dizer que ambos os artigos

tratam do histórico do surgimento das abordagens CS e CE e buscam ressaltar que essas abordagens surgiram em contraponto ao paradigma da Aptidão Física. De acordo com Almeida Jr. e Oliveira (2007), apesar das diferenças fundamentais entre essas abordagens, seus defensores costumam alinhar-se contra aquelas que tratam da melhoria da aptidão física e esportiva. Também de acordo com esses autores, apesar da grande repercussão no meio acadêmico, os professores não têm muita facilidade para aplicar essas abordagens em suas aulas nas escolas.

Nogueira (2008) incluiu em seu trabalho um exemplo, baseado em um relato, da aplicação de ambas as abordagens simultaneamente em uma sequência de aulas de EFE: ao perceber desunião e conflitos em turmas de 3º e 4º anos do ensino fundamental, elaborou um projeto que se utilizou de ambas as abordagens com o objetivo de desenvolver o pensamento crítico dos alunos em relação a determinados comportamentos sociais ligados à cultura corporal e proporcionar a eles a oportunidade de refletir sobre esses comportamentos sociais demonstrados na aula, de modo a ampliar seus conhecimentos sobre eles.

Almeida Jr. e Oliveira (2007) questionam a dificuldade de aplicação das abordagens no cotidiano escolar e indagam se essas teorias levaram em conta as reais características das escolas em seu processo de elaboração. Considera-se que as teorias críticas poderiam não estar reconhecendo como parte da EF questões e limites desta que advêm de sua identidade como disciplina escolar. Consideram ser possível que as teorias críticas não tenham levado em conta o contexto escolar e as particularidades dos alunos como indivíduos e não como uma massa homogênea. É interessante pensar que esses autores fazem alusão ao fato de as abordagens críticas não considerarem a situação nas escolas quando, curiosamente, um dos principais pontos das teorias críticas é justamente levar em conta o contexto no qual os alunos e a comunidade escolar encontram-se inseridos, sem propor uma “receita de bolo” a ser seguida à risca. Posteriormente a isso, os autores dizem que:

O que defendemos aqui neste texto não se trata de uma aplicação, mas sim uma apropriação destas mesmas teorias pelos professores e estudantes. Mais do que uma aplicação direta e mecânica de um lado, ou uma prática irrefletida do outro,

defendemos que professores e estudantes precisam dialogar e reinventar, em uma dimensão de autoria, os pressupostos das referidas teorias em seu fazer cotidiano (ALMEIDA JR.; OLIVEIRA, p.11).

Nogueira (2008) toca ainda nos pontos da reflexão, julgamento e expressão como sendo essenciais para as abordagens críticas.

Em relação ao enfoque prático nessa categoria, temos três artigos, todos com propostas diferentes. Enquanto Gonçalves (1999) e Silveira e Pinto (2001) realmente aplicaram propostas baseadas na CS nas aulas de EF, Porpino e Oliveira (2010) simplesmente refletiram sobre a Ginástica Rítmica e como tratá-la criticamente na escola, fazendo então diversas sugestões.

Gonçalves (1999) realizou seu planejamento de futsal escolar de maneira bastante aberta, dependendo muito da discussão com a turma e da problematização para então ser concluído. Como a turma era muito heterogênea, isso acabou por representar um desafio, pois os objetivos das alunas variavam conforme seu nível de habilidade prévia com o futsal $\frac{3}{4}$ esporte ensinado na disciplina. Nas aulas, havia discussões, trabalhos teóricos e atividades práticas. Quanto a Silveira e Pinto (2001), seu planejamento foi feito de forma integrada com os outros professores de EF, e o projeto de ensino crítico da EF havia completado três anos no momento de confecção do artigo. Assim, os tempos de aula, divisão de espaços e de conteúdos já se encontravam previamente organizados, não criando dificuldades.

Quanto à avaliação, Gonçalves (1999) combinou com a turma um tipo de avaliação diferente daquela regularmente praticada na instituição de ensino. Em vez de as alunas serem avaliadas por presença e por nota, o professor e as alunas chegaram a um acordo e foram realizadas provas teóricas em grupo e também individuais conceituais, que diziam respeito à participação das alunas nas atividades pedagógicas, desconsiderando seu nível de habilidade. No projeto de Silveira e Pinto (2001), as avaliações consistiam na produção de vídeos, coreografias e novos jogos, além da participação em festivais, não havendo o propósito de quantificação e reprovação, e sim de diagnóstico do grau de aprendizagem dos alunos e dos métodos de ensino utilizados.

No tocante ao esporte abordado de maneira crítica, Porpino e Oliveira (2010) propõem que, na escola, o esporte seja abordado de

modo que contribua para a formação crítica dos alunos e mencionam pontos de ambas as abordagens críticas tratadas no artigo (superadora e emancipatória). Exemplificam como a ginástica rítmica pode ser tratada criticamente na escola, sugerindo atividades que podem ser realizadas. Gonçalves (1999) relatou em seu artigo a forma como tratou o conteúdo do futsal nas aulas, estimulando sempre o pensamento crítico das alunas. Deu como exemplo a aula de passes, em que as alunas testaram todos os tipos possíveis de passes para então chegarem à conclusão quanto ao tipo mais eficiente. Em sua abordagem, estimulou o pensamento interdisciplinar, e cada uma das alunas associou o futsal a seu curso na escola técnica.

Quanto às dificuldades encontradas, Silveira e Pinto (2001) mencionam resistência por parte dos alunos em relação a um programa novo de EF, especialmente quando esses alunos já têm alguma experiência prévia com o esporte extracurricular. Há também a dificuldade do planejamento coletivo, visto que inicialmente os próprios professores resistiam em criar um novo método de ensino. Foi também citada a dificuldade de articulação entre teoria e prática.

Categoria 3 - Saúde na Educação Física escolar abordada de maneira crítica

Nesta última categoria, o tema é muito diferente do das demais. Enquanto nas primeiras duas categorias o foco era a CS, suas bases e as outras abordagens críticas, nesta categoria fala-se sobre a saúde na EFE e como ela pode ser abordada criticamente. São quatro artigos no total, sendo três de foco teórico e um que fala sobre a aplicação de uma proposta prática.

Em todos os artigos de foco teórico, faz-se uma contextualização que diz respeito à saúde, à promoção da saúde e à EFE. Ferreira (2001) cita diversas fontes que relacionam a prática de atividades físicas a benefícios para a saúde de quem pratica, como, por exemplo, a redução do colesterol “ruim” (LDL), a melhoria da eficiência cardíaca e o aumento da capacidade respiratória, entre outros benefícios. Devide et al. (2005) analisam a Escada de Aptidão para Toda a Vida (EATV) e explicam ao leitor cada etapa nela presente, indicando os momentos que cada degrau representa na vida de uma pessoa que se torna fisicamente ativa. Apenas após a contextualização, passam à análise propriamente dita. Ferreira (1997) baseia-se nos

artigos de Guedes e Guedes (1993, 1994a,b apud FERREIRA, 1997) para realizar sua crítica, citando primeiramente alguns dos pontos abordados por esses autores.

Após a contextualização, os autores partem para a crítica. Ferreira (1997) considera que, embora o exercício físico seja importante para o cotidiano das pessoas, a forma como pensam os autores que desconsideram as formas progressistas de se pensar a promoção da saúde acaba por demonstrar sua omissão de refletir criticamente e tomar uma atitude frente à situação da sociedade capitalista brasileira. Ferreira (2001) ressalta a necessidade de trabalhar outros conteúdos na EFE que não sejam somente as regras e técnicas desportivas. Argumenta que, para que a prática de atividades físicas e esportes se dê com segurança, é necessário que os alunos tomem conhecimento de conteúdos básicos de campos de conhecimento, como a biomecânica, anatomia, fisiologia e nutrição. Devede et al. (2005) ressaltam que os conhecimentos adquiridos durante a vida escolar de nada adiantarão ao aluno caso este não possa compreender a multiplicidade de fatores envolvidos na saúde. Ao se estabelecer entre a saúde e o exercício uma relação causal, deixa-se de ter a chance de refletir e buscar soluções para os problemas que influenciam sua saúde individual e a de sua comunidade.

Ainda na parte crítica, surge a culpabilização da vítima. De acordo com Ferreira (2001) e Devede et al. (2005), a saúde acaba por ter caráter eminentemente individual, e o comportamento dos indivíduos é considerado a base de sua saúde. Levando em conta que a saúde é também coletiva e possui vários fatores que não estão sob o controle individual, como os fatores socioeconômicos, essa visão individualista da saúde põe sobre os ombros de indivíduos a responsabilidade da coletividade, culpabilizando-os injustamente.

Algumas sugestões são feitas. Elas envolvem, em geral, um diálogo entre a visão biológica da EF e a visão histórico-social. Ferreira (1997) menciona que aparentemente apenas com esse diálogo será possível tratar os conteúdos da EFE de forma que os alunos possam desenvolver pensamentos e ações que estejam voltados não só para os aspectos biológicos do ser humano, mas também para as ligações entre ele, a sociedade e a cultura. Sugere, com base no Coletivo de Autores, que os conteúdos da EF não podem ter sua historicidade ignorada, sendo interessante:

desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de manifestações culturais produzidas no decorrer da história e exteriorizadas sob a forma de jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros (SOARES et al., 1992, p. 27).

Segundo Ferreira (2001), os conteúdos da EFE não podem se limitar à esfera biológica, e as questões sociais não podem ficar de fora. A aptidão física deve ser vista dentro de um contexto maior, sendo levadas em conta questões políticas, socioculturais e econômicas relacionadas à promoção da saúde. O papel da EFE deve ser, além de encorajar a adoção de um estilo de vida ativo e fornecer os subsídios para isso, levar a uma reflexão sobre os diversos determinantes econômicos, sociais, políticos e ambientais que a ela se relacionam. Deivid et al. (2005) sugerem que a EATV deve ser trabalhada não só conforme os princípios da OS, como também conforme a ótica da Cultura Corporal, pois, dessa maneira, além dos objetivos já explicitados da EATV (CORBIN, 1981, apud NAHAS; CORBIN, 1992a), os alunos poderão reconhecer e propor soluções para os fatores que afetam sua saúde e a de sua comunidade, adotando uma visão política diante da saúde e de seus determinantes, tornando-se consumidores críticos do movimento.

Somente um artigo aborda uma experiência prática relacionada à abordagem crítica da saúde na EFE. Pina (2008a) realizou uma experiência com alunos de um programa de educação de jovens e adultos da rede pública municipal de ensino de Angra dos Reis. O tema saúde foi trabalhado com eles conforme os cinco passos da Pedagogia Histórico-Crítica (GASPARIN, 2011). O autor intercala as definições dos passos com o relato da experiência, que, pelo visto, foi bem sucedida. Os alunos que anteriormente faziam uma associação direta entre atividade física e saúde passaram, ao final da experiência, a afirmar que, embora a atividade física possa ajudar na prevenção de determinadas doenças e na melhoria e manutenção da saúde individual, existem muitas outras questões que têm influência na saúde como um todo, e essas questões são sociais, sendo de responsabilidade do governo e da sociedade em geral. Os alunos apresentaram uma mudança de atitude em relação ao tema trabalhado no que diz respeito àquilo que pensavam anteriormente. Não foi mencionado qualquer tipo de dificuldade relacionada à organização e aplicação da experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão referenciada deste estudo nos mostra que ao longo dos anos as tentativas de proporcionar um reconhecimento da CS foram exaustivamente colocadas pelos autores em seus artigos. Era preciso divulgar as ideias que se contrapunham a uma visão dualista do corpo atrelada à performance e à melhora da aptidão física relacionada à saúde. Dos 25 artigos analisados, 12 encontravam-se voltados à teoria, e 13, à prática. Os artigos mais próximos a 1992 têm caráter eminentemente teórico. A partir de 1999, percebe-se a inserção da abordagem de uma forma mais prática, visando resolver a diferença entre o referencial teórico e sua aplicabilidade interventiva.

O esporte foi amplamente divulgado como forma de utilização dos conceitos propostos pela CS, ao passo que o esporte atrelado aos preceitos capitalistas foi um dos principais alvos de críticas dos autores, que sugerem formas de abordar o tema de maneira crítica. Contudo, o esporte nada mais é do que uma ferramenta, sendo crucial sua utilização para os fins desejados pelo professor. Assim, a ideologia seguida pelo docente acaba por caracterizar todo o seu processo interventivo, independentemente da abordagem utilizada. De todos os artigos analisados, sete abordam especificamente o esporte em diversas modalidades.

Quanto à saúde, que consideramos fundamental tratar na EFE, percebe-se que na CS é pouco discutida. Dos artigos analisados, apenas quatro tratavam da saúde abordada criticamente na escola, e apenas um (PINA, 2008a) trata de uma abordagem prática desse tema. No próprio livro do Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992), berço da abordagem, não são discutidas temáticas relacionadas à saúde. Talvez por isso outros autores não tenham se debruçado a discutir esse tema.

Com tudo o que foi lido, pesquisado e analisado, chegou-se à conclusão de que, para discutir a abordagem do esporte e da saúde na EFE pela perspectiva crítico-superadora, deve-se levar em conta os aspectos pelos quais eles podem ser abordados na escola e como se encontram ligados à realidade da comunidade escolar. Ambos os temas podem ser trabalhados pela EF junto às outras disciplinas. Com o programa pedagógico de cinco passos proposto por Saviani (2005) e expandido por Gasparin (2011), e também de outros modos, são muitos os pontos da saúde e do esporte que podem ser trabalhados ao longo

de um mês, um semestre ou, quiçá, de um ano. Isso depende do projeto político-pedagógico da escola e da abertura da administração em relação às propostas feitas pelos professores de EF e das outras disciplinas. Embora a CS não seja a única abordagem que possa ser utilizada nas aulas de EF, cremos que seja uma das mais completas, especialmente para a abordagem dos temas supracitados.

ABSTRACT

CRITICAL-SURPASSING APPROACH AND THE KNOWLEDGE PRODUCTION: REFLECTIONS ABOUT HEALTH AND SPORT AT SCHOOL

This study aimed to analyze the issue of knowledge production and the approach to health and sport in school physical education according to the critical-surpassing perspective. Methodologically, articles on CD-ROM and online journal pages were searched. 25 articles of theoretical and practical approach of Brazilian scientific journals were analyzed and discussed. During the work, it was realized that in the early 1990s, when this approach emerged, published articles tended to theoretical approach, whereas the end of this decade and after the year 2000 the articles emphasized the practical aspects of it. Also it was revealed a weakness in the approach of the health theme by the authors who write about the critical-surpassing perspective, since the sport was very mentioned as a way to use the approach in Physical Education classes. We believe that both the health and the sport can be approached in this perspective and that, for this, creativity, support of school administration and good planning, among other factors are crucial. We also consider that, although there are other approaches, the critical-surpassing is the most complete, especially when regarding to sport and health.

Keywords: critical-surpassing approach, school physical education, health, sports.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, A. S.; OLIVEIRA, C. M. Qual a relação entre as teorias críticas da Educação Física e a prática pedagógica na escola. Uma reflexão a partir de seus sujeitos. **Motrivivência**, Florianópolis, v.19, n.28, p. 12-26, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/9124/9454>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

ALVES, M. S. Educação Física e formação humana: uma reflexão a partir da prática de ensino e da vivência com a metodologia crítico-superadora. **Motrivivência**, Florianópolis, v.18, n.26, p. 127-138, jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/683/1874>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**: a Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus. São Paulo: Movimento, 1991. 184 p.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.19, n.48, p. 69-88, ago. 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. 2.ed. Porto Alegre: Magister, 1997. 122 p.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1998. 114 p.

BRASILEIRO, L. T. O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica. **Movimento**, Porto Alegre, v.8, n.3, p. 5-18. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2646/1272>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

CARVALHO, A. C. D. A organização do trabalho pedagógico e a produção de conhecimento em busca da real articulação teoria-prática. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 193-200, 1999. CD-ROM.

CORDEIRO JÚNIOR, O.; FERREIRA, M. G. Uma proposta para o ensino do judô sob a ótica crítico-superadora: dando os primeiros passos no dojô... **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 449-457, 1999. CD-ROM.

CORDEIRO JÚNIOR, O. Em busca da construção de uma proposta

teórico-metodológica para o ensino do judô escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.3, n.1, p. 97-105, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/16056/9842>> Acesso em: 20 Dec. 2012

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física Escolar: tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v.2, n.1 (suplemento), 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/gef/suraya_s.rtf>. Acesso em: 30 set. 2011.

DEVIDE, F. P.; OLIVEIRA, G. A. S.; FERREIRA, M. S. Ampliando o campo de intervenção da Educação Física escolar a partir da análise da escada da aptidão para toda a vida. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.8, n.1, p. 1-19, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/16060/9847>>. Acesso em: 20 Dec. 2012.

ESCOBAR, M. O. Cultura corporal na escola: tarefas da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v.7, n.8, p. 91-102, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/22600/20594>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

FARINATTI, P. T. V.; FERREIRA, M. S. **Saúde, promoção da saúde e Educação Física: conceitos, princípios e aplicações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006. 288 p.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1999. 2128 p.

FERREIRA, M. G. Crítica a uma proposta de Educação Física direcionada à promoção da saúde a partir do referencial da sociologia do currículo e da pedagogia crítico-superadora. **Movimento**, Porto Alegre, v.4, n.7, p. 20-33. 1997. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2364/1060>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

FERREIRA, M. S. Aptidão Física e Saúde na Educação Física Escolar: ampliando o enfoque. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.22, n.2, p. 41-54, jan. 2001. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/411/336>>. Acesso em: 18 Dec. 2012.

FRATTI, R. G. Uma proposta político/pedagógica para Educação Física: dificuldades, limites e possibilidades de uma intervenção crítica. **Revista**

Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v.21, n.1, p.200-206, 1999. CD-ROM.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2011. 190 p.

GOIS JUNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. A Educação Física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da Educação Física brasileira dos anos de 1930. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.5, n.3, p. 322-328, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rpcd/v5n3/v5n3a07.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2011.

GONÇALVES, G. A. Aplicações das pedagogias crítico-superadora e crítico-social dos conteúdos em um processo de ensino-aprendizagem de futsal feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 465-470, 1999. CD-ROM.

GONÇALVES, L. L.; LAVOURA, T. N. O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico-crítica. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.19, n.4, p. 77-88, 2011. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/3032/2128>>. Acesso em: 18 Dec. 2012.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. Subsídios para implementação de programas direcionados à promoção da saúde através da Educação Física escolar. **Revista da Associação dos Professores de Educação Física de Londrina**, Londrina, v.8, n.15, p.3-11, 1993.

KUNZ, E. Esclarecimento e Emancipação: Pressupostos de uma Teoria Crítica para a Educação Física. **Movimento**, v.5, n.10, p.35-39, 1999.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 160 p.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 149 p.

MAGALHÃES, C. H. F. Breve Histórico da Educação Física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e ideias de tendências. **Revista da Educação Física/UEM**,

Maringá, v.16, n.1, p. 91-102, 2005.

MENDONÇA, G. C. Educação Física: o ensino do futebol na perspectiva crítico-superadora... uma prática possível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.1, p. 487-493, 1999. CD-ROM.

NAHAS, M. V. **Fundamentos da aptidão física relacionada à saúde**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. 73 p.

NAHAS, M. V.; CORBIN, C. B. Educação para a aptidão física e saúde: justificativa e sugestões para implementação nos programas de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.6, n.3, p. 14-24, 1992b.

NAHAS, M. V.; CORBIN, C. B. Aptidão Física nos programas de Educação Física: desenvolvimentos recentes e tendências internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.6, n.2, p. 47-58, 1992a.

NETO, A. F.; SCHNEIDER, O.; AROEIRA, K. P.; BOSI, F.; SANTOS, W. **Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000)**. Coordenação de Amarílio Ferreira Neto. Vitória: Proteoria, 2002. CD-ROM.

NOGUEIRA, Q. W. C. A Reflexão como experiência pedagógica: um debate sobre as perspectivas críticas da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v.20, n.31, p.163-181, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fev/article/view/8632/7389>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

OLIVEIRA, G. M.; PORPINO, K. O. Ginástica rítmica e Educação Física escolar: perspectivas críticas em discussão. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.13, n.2, p. 1-18, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fev/article/view/8632/7389>>. Acesso em: 20 Dec. 2012.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física?** 11. ed. 4a reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004. 111 p.

PINA, L. D. Pedagogia histórico-crítica e transmissão do conhecimento sistematizado sobre o esporte na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v.20, n.31, p. 115-131, 2008b. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175->

8042.2008n31p115/12960>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

PINA, L. D. Atividade física e saúde: uma experiência pedagógica orientada pela pedagogia histórico-crítica. **Motrivivência**, Florianópolis, v.20, n.30, p. 158-168, 2008a. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2008n30p158>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

RESENDE, H. G. Reflexões sobre algumas contradições da Educação Física no âmbito da escola pública e alguns caminhos didático-pedagógicos na perspectiva da cultura corporal. **Movimento**, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 20-28, 1994. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2005/897>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

RESENDE, H. G.; SOARES, A. J. G. Conhecimento e Especificidade da Educação Física escolar na perspectiva da cultura corporal. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.10, sup.2, p. 49-59, 1996. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo9.pdf>>. Acesso em: 21 Dec. 2012.

SANTOS, A. S. B. O ensino do futebol da escola: a perspectiva da cultura corporal. **Motrivivência**, Florianópolis, v.11, n.13, p. 185-202, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14406/13209>>. Acesso em: 19 Dec. 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2000. 122 p.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 37. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 91 p.

SILVA, M. C. P. Educar para superar: uma reflexão sobre a Educação Física escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.7, n.2, p. 205-220, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/pef/article/view/96/91>>. Acesso em: 20 Dec. 2012.

SILVEIRA, G. C. F.; PINTO, J. F. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.22, n.3, p.137-150, 2001. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/388/331>>. Acesso em: 18 Dec. 2012

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, M. E. M. P.; CASTELLANI

FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.

SOUZA JÚNIOR, M.; BARBOZA, R. G.; LORENZINI, A. R.; GUIMARÃES, G.; SAYONE, H.; FERREIRA, R. C.; PEREIRA, E. L.; FRANÇA, D.; TAVARES, M.; LINDOSO, R. C.; SOUSA, F. C. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n.2, p. 391-411, 2011. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/676/662>>. Acesso em: 18 Dec. 2012

VIEIRA, E. M. Educação Física e a cultura corporal: as orientações didático-metodológicas em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Vitória, v.21, n.2, p. 77-80, 2000. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/787/459>>. Acesso em: 18 Dec. 2012.

Endereço para correspondência:

Rua Conde de Bonfim, 1357 Ap. 601
Tijuca
20530-001, Rio de Janeiro - RJ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde. Instituto de Educação Física e Desportos 8o andar, bloco F.
Rua São Francisco Xavier, 524.
Rio de Janeiro, RJ.
E-mail: beth.edfisicauerj@gmail.com